

Sequência didática

Objetivos gerais

- 1- Trabalhar a história da África antes e durante a colonização;
- 2- Mostrar o período colonial com a perspectiva do colonizador e do colonizado;
- 3- Trabalhar com diferentes tipos de documentos pra analisar um assunto;
- 4- Aproximar os alunos da História e da literatura sobre África, sem necessariamente passar pelas imagens da escravidão;
- 5- Possibilitar que os alunos aprendam a fazer leituras de mapas históricos.

Objetivos específicos

- 1- Construir um imaginário em torno da África que considere seu dinamismo cultural econômico e político antes da chegada dos europeus;
- 2- Confrontar este imaginário com o imaginário dos europeus durante a estadia destes na África.

Primeira parte

Desenvolvimento da sequência didática em sala de aula

(Esta primeira parte da sequência deverá ser desenvolvida em duas aulas no mínimo: tempo necessário para avaliar os mapas, refletir sobre os elementos questionados e escrever os aspectos apreendidos através da leitura)

- Questões para reflexão e ambientação com o tema
- 1- Perguntar aos alunos o que eles sabem sobre África?
 - 2- Você acha que existiu no continente qual forma de poder, que fosse semelhante ou diferente do nosso mundo ocidental?
 - 3- O que sabem sobre literatura africana, contos, mitos? Acha que eles tiveram algumas destas formas de produção?
 - 4- Já leram mapas, sabem como fazer?

Divida a sala em pequenos grupos e para cada um deles mostre os seguintes mapas e peça que discutam as estas questões entre si:

- Mostrar mapa 1 referente aos impérios africanos

- 1- O que vocês vêem no mapa? Descreva os elementos que chamam atenção.
 - 2- Sobre o que trata? Qual o título?
 - 3- A qual período ele se remete?
 - 4- De onde ele foi retirado, qual a fonte?
 - 5- O que as cores indicam?
- Mostrar mapas 2.1, 2.2 e 2.3 referente às rotas de comércio interna da África
 - 1- Estes mapas mostram as rotas de comércio de quais períodos?
 - 2- Em dois deles são indicados os produtos que são comercializados, observe estes e indique qual você conhece.
 - 3- Quais relações se estabelecem entre os reinos e as rotas de comércio?
 - Mostrar mapa 3 referente ao período colonial africano
 - 1- Que mapa é este?
 - 2- Existem diferenças em relação ao mapa anterior, quais são?
 - 3- Ele foi retirado da mesma fonte?
 - 4- Qual significado das cores na legenda?
 - 5- O que ela nos apresenta?
 - 6- Qual tema pode ser associado a partir da leitura da legenda e do título?
 - 7- Sobre qual período este mapa trata?

Após o levantamento de hipóteses o professor distribui informações que contribuam para maior entendimento a cerca do tema. Pode ser realizada uma exposição, rápida, de argumentos tomando como base o texto do primeiro capítulo de Leila L. Hernandez.

Ao final das discussões peça que cada grupo elabore um pequeno resumo escrito em tópicos e apresente os elementos que discutiram sintetizados sobre os mapas, peça que este resumo estabeleça conexão entre

os diversos mapas e indique os pontos trabalhados durante a aula e o que eles entenderam sobre ambos.

Segunda parte

Literatura sobre a África

(Desenvolver esta segunda parte da atividade em pelo menos cinco aulas, ou seja, duas aulas para cada texto e uma para o debate e formulação de texto)

Conto

Todas as leituras devem ser realizadas pelo professor. Além disto, cada aluno deve estar com o material em mãos para realizarem a leitura individualmente. E ao longo da leitura o professor formula questões como:

- 1- Conhecem o autor?
- 2- Através do título, sobre o que o texto fala?
- 3- Qual região do continente você acha que ele descreve? Por quê?
- 4- Qual época do ano ele descreve?
- 5- Você diria que este texto foi produzido ante ou durante a colonização
- 6- Qual é a alimentação que está presente na narrativa, você já comeu?
- 7- Esta história tem elementos do real, quais? (o professor deve lembrar que para criar o mito são utilizados elementos do mundo real)
- 8- Porque o elefante é usado como personagem principal nesta história, e a figura do caçador é usada como personagem secundária? (Lembrar que este texto foi escrito já no período do contato com os europeus)
- 9- Por que os elefantes deixam o caçador ir embora mesmo sabendo que ele é um caçador? (pensar nos valores humanos de dos africanos)

Questões sobre os trechos do livro “Coração das trevas”

- 1- Quem é o autor do livro, você o conhece?
- 2- Quem são os personagens?

- 3- Por que a palavra marfim ressoa no ar por algum tempo?
- 4- Qual paisagem (vegetação) o narrador descreve, por que ele se sente pequeno?
- 5- O que é o “coração das trevas”, e porque este nome, onde fica?
- 6- O que é o besouro fuliginoso?
- 7- Por que o autor dizia que os negros eram pré-históricos? Suas palavras demonstravam que ele conhecia o lugar e as pessoas que descrevia? Por quê?
- 8- Você sabe por que os europeus queriam o marfim e no que utilizavam?

Peça que os alunos formem pequenos grupos novamente, após as atividades. Peça que redijam os elementos para defesa e exposição dos argumentos em um texto. Organiza-se um debate em torno do tema das aulas, distribua as seguintes questões a cada grupo, e peça que se baseiem nas aulas, nos mapas e textos os quais devem estar à disposição do aluno durante esta segunda da atividade. Para isto, será necessário recorrer às informações extras também (mostrar mapa que indicam as climáticas e de vegetação africana).

Distribua as questões, uma para cada grupo:

- Grupo 1

Você acha que o deserto do Saara impediu que houvesse comunicação entre as diversas regiões no interior da África e mesmo com os demais lugares do continente, no período anterior a chegada dos europeus?

- Grupo 2

Qual a ligação existente entre os reinos africanos e as rotas de comércio no interior da África antes da chegada dos europeus, esta relação tomou novo significado quando houve o contato com estes povos?

- Grupo 3

Como era o olhar europeu em relação à África, e o seu olhar como era antes destas aulas? E agora como você percebe o continente, aponte os elementos.

- Grupo 4

Qual o argumento foi utilizado para que os colonizadores estivessem em África e tomassem à força, inclusive das armas, os territórios africanos. Houve resistência africana a esta situação?

- Grupo 5

Os africanos estabeleceram variados costumes em sua cultura, você teve acesso a uma forma deste costume – o de transmitir a história de seu povo através da fala, o que você acha disto, a África pode fazer História, esta é igual a que como nós ocidentais conhecemos? Cite exemplos de outras formas de construir história que sejam semelhantes a nossa forma de contar a História.

Encerre a aula retomando os elementos trabalhados, situe o tema no contexto histórico, e deixe clara a importância da história para realizar uma leitura aprofundada da realidade, a qual pode estar num mapa, num texto literário ou em qualquer outro lugar, uma vez que “Tudo é História”.

Orientações para o professor

1. Mapas

O ideal é que ao apresentar o mapa não sejam mostrados, num primeiro momento, os títulos gerais, como o de África colonial, por exemplo. Para que o aluno possa perceber através da própria imagem qual conteúdo está sendo trabalhado e os elementos que a constituem, no caso de mapas políticos o aluno já deve ter tido contato como o do Brasil, por exemplo, e associará por conta das semelhanças. Mesmo que a associação não ocorra, depois das especulações deles mostre os títulos.

Ao analisar os mapas, em si, os questionamentos devem fazer com que o aluno perceba todos os elementos necessários para realizar a leitura destes. É importante deixar isto claro para eles.

2. Literatura

É interessante que o aluno perceba a importância do conhecimento histórico para realização deste tipo de leitura, através destes questionamentos. Por isto torna-se necessário apontar diferenciações e aproximações entre mito

e História e entre esta e Literatura, neste caso, pode ser usado os mesmos textos numa aula posterior, dotando de mais sentido ainda para o aluno as atividades desempenhadas.

Os textos devem ser apresentados na sequência dos mapas para que os alunos tenham informações extras a fim de que a leitura dos textos literários se torne mais significativa já que diversos elementos sobre África já estarão à disposição em seus conhecimentos prévios, auxiliando como ferramenta de análise.

Além disto, é necessário trazer informações sobre o autor e sua obra. Outros materiais de apoio devem ser acrescentados.

A leitura coletiva estimula o aluno a ouvir e se concentrar, principalmente os do ensino fundamental que pela idade tendem a ser mais agitados. O professor pode explorar aspectos do texto com questões mais específicas, realizando uma primeira leitura mesclada com perguntas, e uma posterior leitura completa após as atividades, finalizando mentalmente para o aluno todo o conteúdo apresentado no texto e elucidando as novas informações apresentadas.

Para “acionar” nos alunos os conhecimentos prévios é importante mencionar elementos que formem o conjunto deste conhecimento ao longo da leitura, ou seja, é interessante ir apontado pistas sobre a leitura, estabelecer relações com as aulas anteriores sobre os mapas, falar sobre pontos que o autor aponta os elementos característicos de sua época, etc.

3. Comentário sobre os documentos (mapas e textos literários)

As questões devem instigar os alunos a pensar no que já conhecem de África e a uma avaliação sobre os aspectos que consideraram na hora de sua reflexão, estes foram positivos ou negativos, o intuito é também de perceber se estão reproduzindo o olhar negativista em torno do tema tratado, e possibilitar que percebam os conflitos em torno do imaginário criado sobre o país.

Além disto, elas devem proporcionar um confronto do olhar “velho” com o “novo” de maneira que o aluno possa perceber os conteúdos históricos que foram acrescentados com as aulas. Sendo por isto necessário sempre retomar algumas questões inicialmente postas a eles.

A discussão sobre o dinamismo cultural no continente africano através de mapas e textos literários possibilita desconstruir não só o olhar negativo em torno de uma suposta não existência de uma história da África antes da chegada dos europeus, como também constrói no imaginário do aluno a idéia de que ela existia e era muito dinâmica e múltipla em sua diversidade.

Para maiores informações sobre os mapas consultar livro de Leila Hernandez, principalmente o primeiro capítulo no qual ela indica a existência das rotas de comércio e aponta como se deu este tráfego e sua dinâmica pelo interior africano.

Sobre os textos literários no próprio livro de Conrad, por exemplo, há um posfácio escrito por Luis Felipe de Alencastro, o qual fala sobre o autor e a obra. E o mesmo para o Livro de Pinguilly.

Enfim, estas questões são apenas exemplos para realização da sequência elas podem ser modificadas ou acrescentadas de acordo com o que forem sendo trabalhado nos textos sobre este tema, na verdade, elas devem servir como norteadoras e instigadoras da curiosidade e participação dos alunos. Esta sequência didática deve ser desenvolvida no mínimo em sete aulas e com alunos das últimas séries do ensino fundamental e ensino médio.

Bibliografia

CONRAD, Joseph. **Coração das trevas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

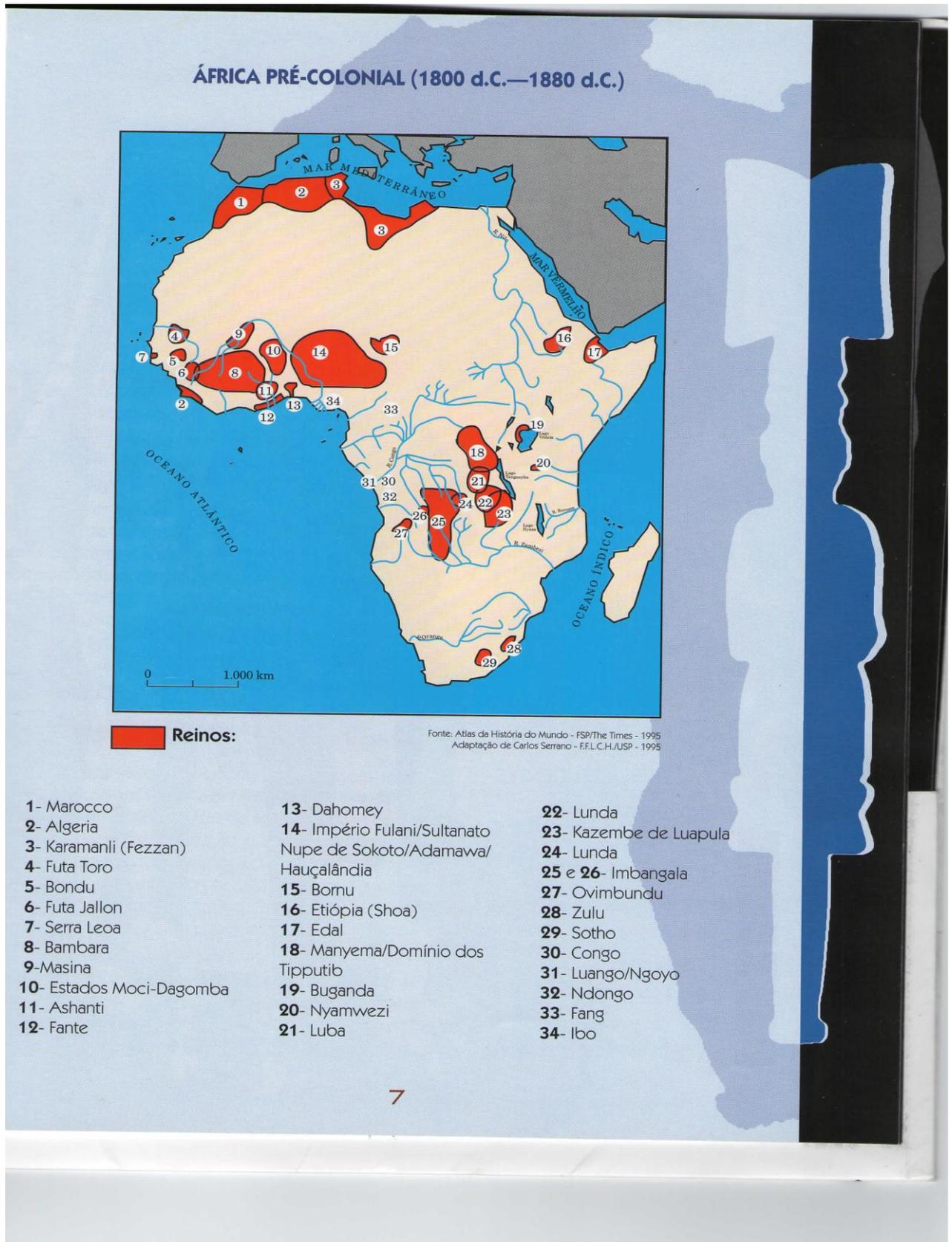
GUIA TEMÁTICO PARA PROFESSORES. **Formas de Humanidades: África: culturas e sociedade**. São Paulo: USP, 1999.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 2 ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.

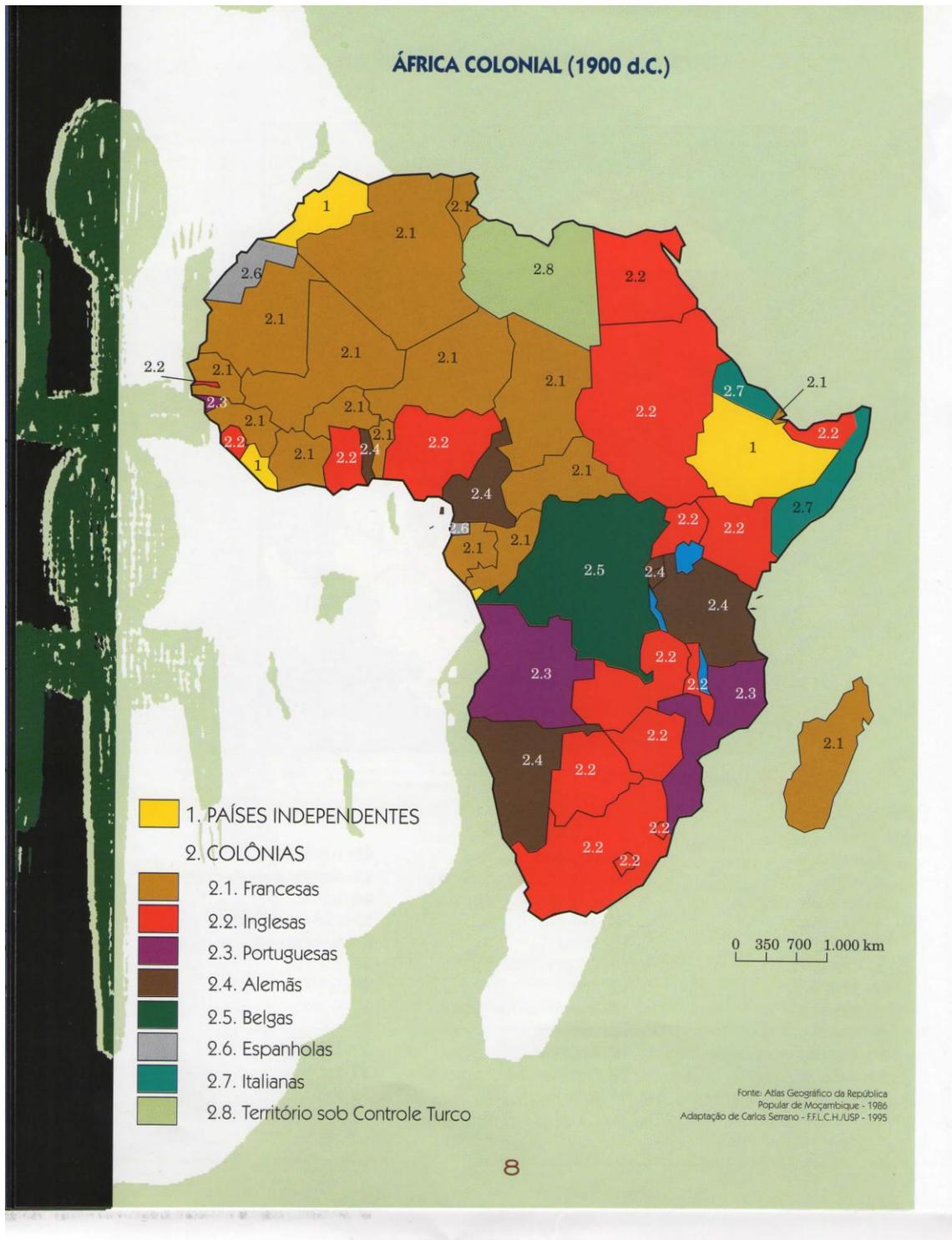
PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SERRANO, Carlos. **Memórias d'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

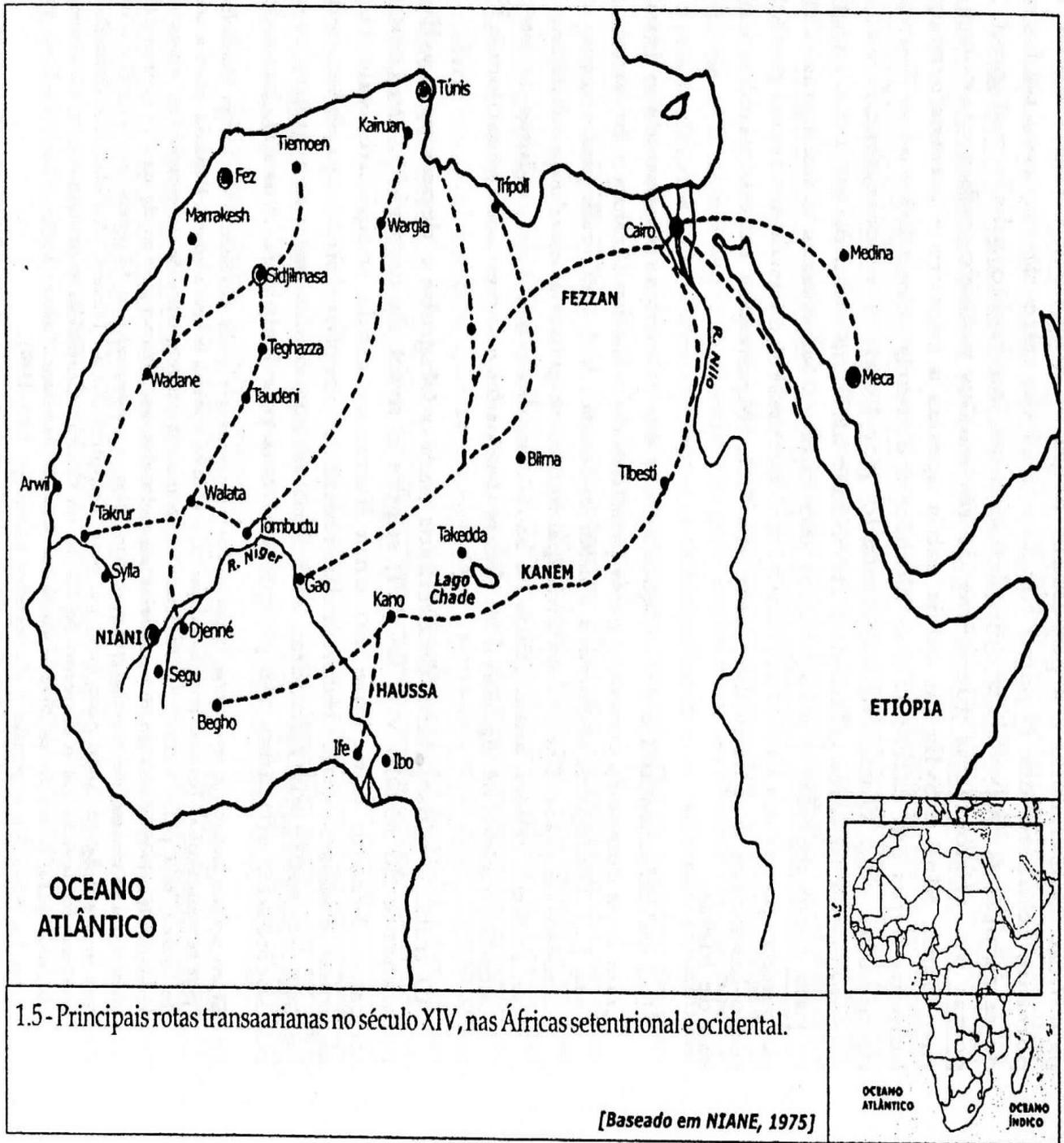
Anexos



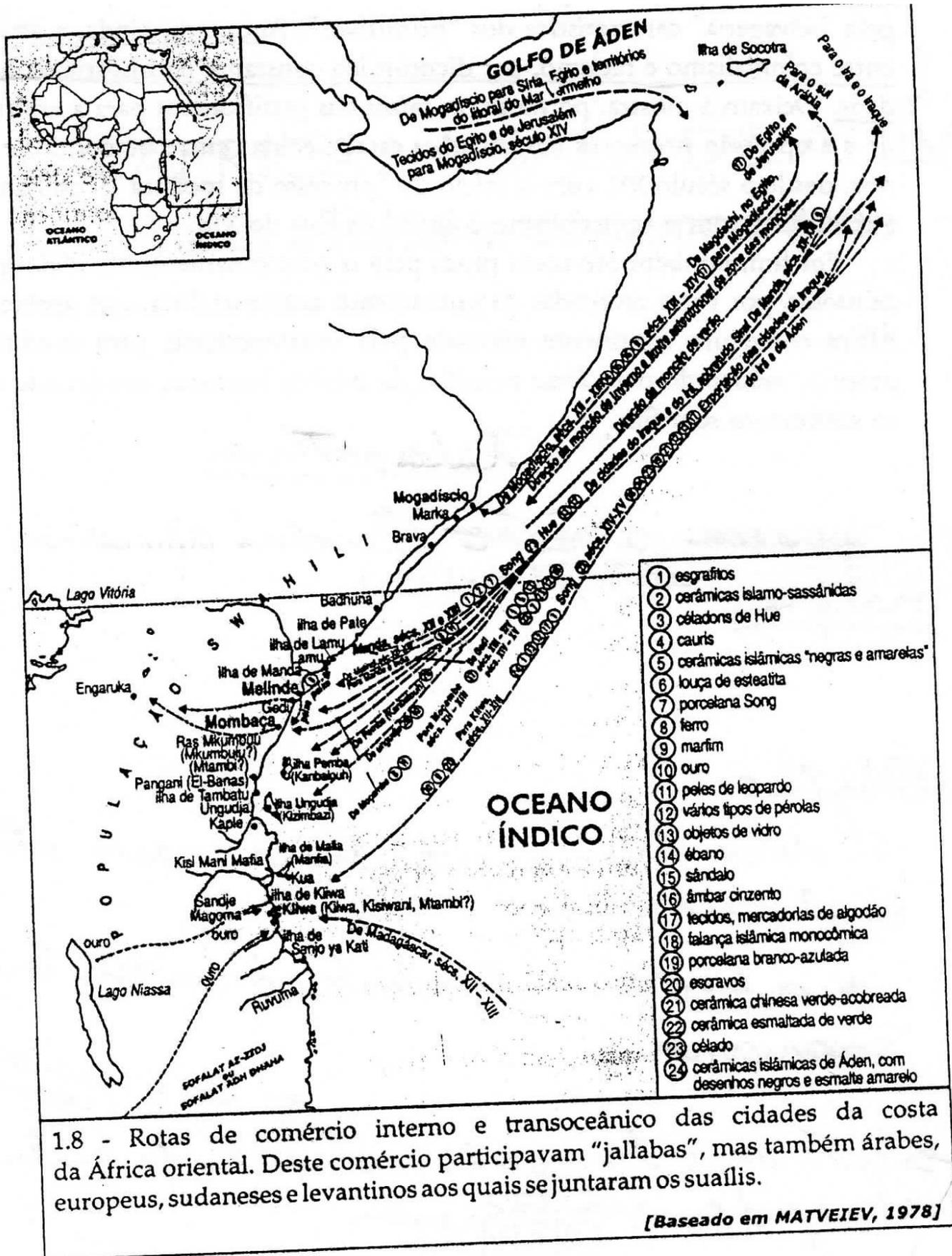
Mapa 1 (Fonte: Guia temático para professores do MAE – Museu de arqueologia e etnologia)



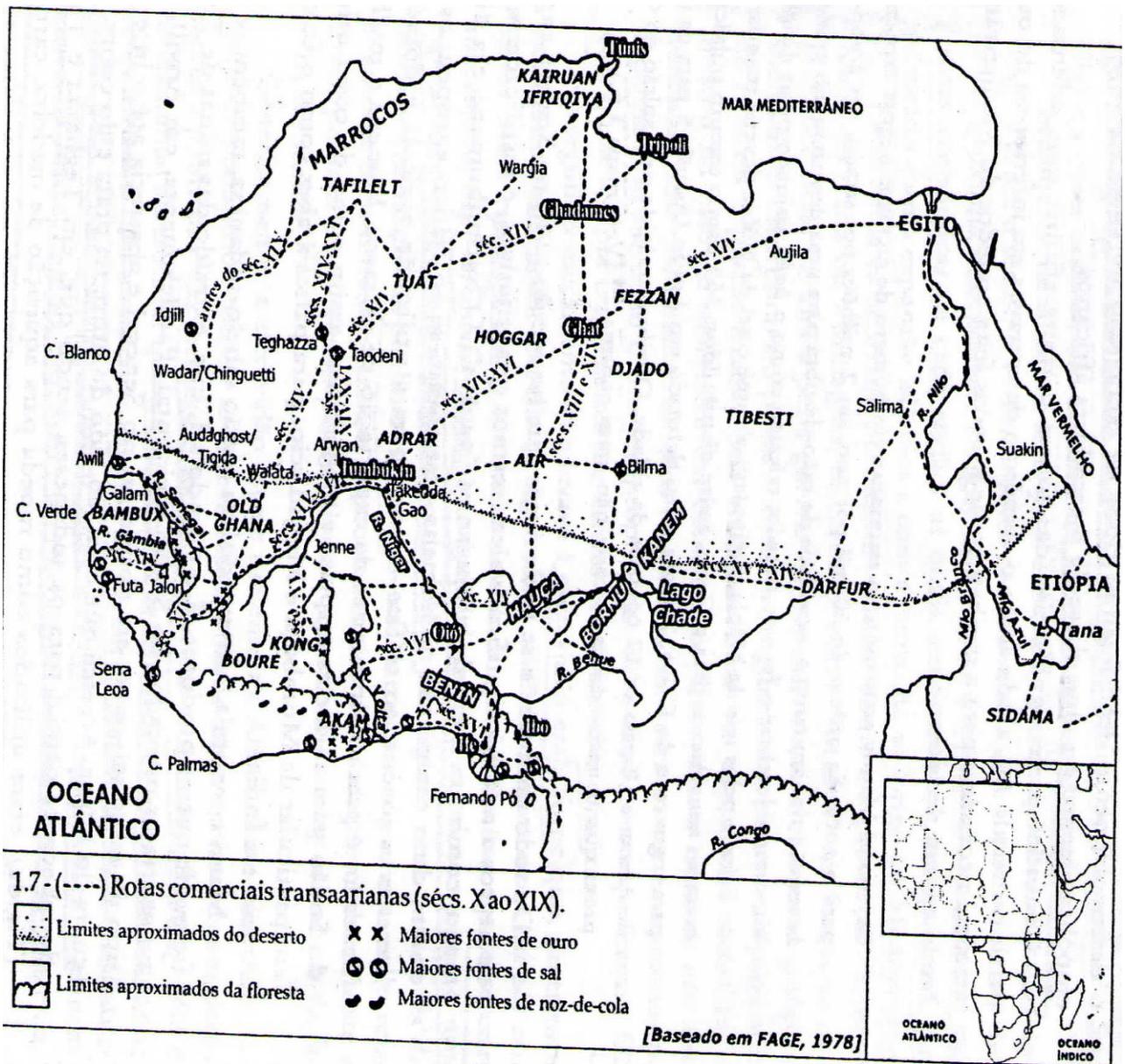
Mapa 3(Fonte: Guia temático para professores do MAE – Museu de arqueologia e etnologia)



mapa 2.1 (fonte: HERNANDEZ, 2008, p.36)



mapa 2.2 (fonte: HERNANDEZ, 2008, p. 43)



mapa 2.3 (fonte: HERNANDEZ, 2008, p. 41)

História africana

“Elefante antes, elefante outra vez”

Os elefantes são como as árvores e como todo mundo. Quando faz muito calor, eles só pensam numa coisa: ir tomar banho de rio.

Naquela estação, o sol estava tão quente que cozinhava todas as panelas do Céu e da Terra. Alguns elefantes gordos, grandes e cinzentos, com trombas corrompidas e traseiro pequeno, resolveram ir se refrescar. Para melhor tomarem banho no rio, despiram sua pele de elefante e tornaram-se homens e mulheres.

Enquanto nadavam em cima d'água e debaixo d'água, deixando-se afagar pela carícia fresca da correnteza, apareceu um caçador. Ele acabava de encher sua cabaça. Imediatamente, com seus olhos aguçados de caçador, viu à beira-rio as peles dos elefantes deixadas no chão à sombra de uma macambeira.* Notou uma pele mais jovem, mais fina e mais suave do que as outras. Apoderou-se dela, depois ficou observando os banhistas se divertindo na água. Após um tempo avistou uma bonita moça, uma moça linda! A pele dela era tão lúzia quanto uma folha fresca de bananeira. Logo adivinhou que a pele mais jovem, mais fina, mais suave pertencia a ela. Escondeu a pele atrás de um espinheiro e, em seguida, foi ele mesmo se esconder ali.

Esperou sem se mexer mais que um tronco de árvore adormecido.

Os banhistas finalmente saíram da água. Vestiram suas peles e voltaram a ser elefantes gordos, grandes e cinzentos. A linda moça procurou em vão a dela. Quando entendeu que não encontraria mais sua pele, que a sombra da macambeira certamente a tinha engolido, chorou tanto que o caçador, que a espiava, acreditou que a fonte das lágrimas da moça tinha destrambelhado.

Os elefantes foram embora despreocupados, para encher a pança numa grande plantação de milho branco.

O caçador saiu do esconderijo e se aproximou.

– Como é seu nome?

Ela respondeu, continuou a chorar.

– Vamos, enxugue as suas lágrimas, não pode acontecer nada de ruim a quem não tem nome.

Como ela continuava sem dizer nada e chorava sem parar, o caçador prosseguiu:

– Se não consegue parar de chorar, pelo menos diga por quê.

– Perdi...

– O quê?

– Perdi... Estou perdida!

– Linda moça, você não se perdeu, eu estou aqui! Chega de chorar, venha comigo. Venha à minha casa.

Ela o seguiu.

De noite, depois de comerem o bolinho de milho * com olho, ele afagou-lhe o rosto, o abdome, as pernas. Disse-lhe:

– Você é delicada como sorgo* doce. Vou construir uma linda casa para você e amanhã você será minha mulher.

Dito e feito. No dia seguinte, a linda moça tornou-se mulher do caçador e, na noite desse dia seguinte, juntos na casa nova, eles lutaram de mãos desarmadas e... ele ganhou.

Logo tiveram um, dois, três, quatro filhos.

Todos os dias o caçador entrava na selva, na esperança de matar um antílope ou um leão. Antes de sair, pegava numa das suas tulhas a ração de milho necessária, que dava para sua mulher moer ao pilão para o jantar.

Certa manhã, quando as crianças já tinham crescido, ele saiu, esquecendo-se de dar o milho. O filho mais velho, enviado pela mãe, foi a tulha buscá-lo. Subiu na escada, enfiou a mão para pegar um primeiro punhado de grãos. Mas a provisão estava no fim e a mão do garoto tocou no fundo. Arriscou uma olhada para ver o que era aquilo que sua mão tocava, e qual não foi a surpresa! Descobriu uma pele jovem, de elefante!

Sim, estava na tulha, fazia muito tempo que o caçador havia escondido a pele que ele havia encontrado na beira do rio. A pele de sua mulher!

Quando o garoto voltou para casa sem um único grão de milho, mas com uma bela pele de elefante, que ele estendeu aos pés da mãe, ela logo reconheceu sua pele e deu pulos de alegria. Sem esperar, vestiu-a e voltou a ser imediatamente uma elefanta.

Pôs-se a soltar barridos tão fortes que todas as casas da aldeia estremeceram. Com a tromba, acariciou os filhos e foi-se embora trotando, mais feliz que uma árvore morta transformada em cavalo! Não demorou muito para encontrar seu bando e contar a todos a história.

Dois dias depois os elefantes pegaram o caçador, que lhes preparava uma armadilha. disseram alguns que deviam matá-lo logo, outros gritaram que deviam levá-lo ao rio e afogá-lo. Depois de ouvirem a irmã elefanta que havia voltado para junto deles contar que havia amado o marido, o velho chefe declarou:

– Caçador, você tinha nos roubado nossa filha, nossa irmã, e feito dela sua mulher. Isso nós nunca vamos perdoar. Mas como ela foi sua única preferida e como você lhe deu as bênçãos do casamento com uma vara de goiabeira selvagem, pode ir embora.

O caçador foi embora, um pouco triste, mas feliz por continuar vivo.

Depois que essa história aconteceu, os quatro filhos do caçador escolheram o elefante como totem. É a imagem de um elefante que está desenhada na casa deles. Eles podem comer crocodilo, galinha-d'angola selvagem e até tanajura, mas elefante nunca!

“Pequeno abecedário africano para ler melhor os contos”

- **Bolinho de milho:** um bolinho redondo feito de pirão de milho (um cereal parecido com o milho). No Chade, faz-se um buraco para pôr o molho. Daí a expressão popular “comer o bolinho e o molho”, que significa “aproveitar tudo”.
- **Macambeira:** palmeira de folhas em leque, cujos frutos são comestíveis.

- **Milhete:** cereal da família das gramíneas, cultivado na África por seus grãos parecidos o do milho, mas bem miúdos, muito usados na alimentação.
- **Sorgo:** planta parecida com o milho, cultivada nas savanas. Há o sorgo branco, o sorgo vermelho e o sorgo selvagem.
- **Tulha:** na África negra, a tulha, que é o depósito onde se guardam as colheitas, é uma construção sobre pilares finos, cilíndrica, de barro ou caules vegetais trançados, com teto de palha.

(Fonte: PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p 139-148.)

“Desculpem. Esqueci a dor no coração que constitui o resto do preço. E será que o preço tem alguma importância, contanto que o número seja bem executado? Vocês se desincumbem muito bem dos seus. E também não me saí mal, pois consegui não afundar aquele vapor na minha primeira viagem. E até hoje ainda me admiro. Imaginem um homem de olhos vendados, conduzindo uma carroça numa estrada precária. A tarefa me fazia suar e tremer consideravelmente, isso eu lhes garanto. Afinal, para um homem do mar, sentir raspar sob os seus cuidados o fundo daquilo que devia manter-se à flor da água o tempo todo é um pecado imperdoável. Ninguém mais percebe, mas você nunca se esquece do impacto — não é? Um golpe direto no coração. Você se lembra dele, sonha com o momento, acorda no meio da noite e não consegue tirá-lo da cabeça — anos depois, o corpo ainda fica todo quente e depois gelado. Não vou dizer que o vapor tenha flutuado o tempo todo. Mais de uma vez precisou ser empurrado por alguma distância, com vinte canibais chapinhando e fazendo força. No caminho, convocamos alguns desses sujeitos para servirem de tripulação. Homens corretos — os canibais — no seu devido lugar. Com eles se podia trabalhar, e sou-lhes agradecido. E afinal, não se entredevoraram debaixo das minhas vistas: embarcaram com uma provisão de carne de hipopótamo, que acabou apodrecendo e levando às minhas narinas a catanga dos mistérios da selva. Arre! Ainda sinto aquele fedor. Eu levava o Gerente a bordo, e mais três ou quatro peregrinos com os seus cajados — o equipamento completo. Às vezes chegávamos a algum posto próximo à margem, agarrado à fimbria do desconhecido, e os homens brancos que saíam correndo das choupanas improvisadas, com grandes manifestações de alegria, surpresa e boas-vindas, tinham sempre um ar muito estranho; davam a impressão de ter sido aprisionados ali por algum feitiço. A palavra *marfim* ressoava no ar por algum tempo — e seguíamos em frente rumo ao silêncio, singrando extensos trechos vazios, contornando as curvas tranquilas, navegando entre os altos desfiladeiros que ladeavam os meandros do nosso caminho, produzindo uma reverberação de pancadas se-

cas com as batidas pesadas da roda de popa na água. Árvores, árvores, milhões de árvores, volumosas, imensas, altíssimas; e aos seus pés, avançando colado às margens contra a corrente, resfolegava o pequeno vapor coberto de fuligem, como um lentíssimo besouro a se arrastar pela soleira de um portal majestoso. Tínhamos uma sensação de extrema pequenez, de estarmos muito perdidos, mas ainda assim não era uma sensação de todo deprimente. Afinal, embora pequeno, o besouro fuliginoso continuava a se arrastar para diante — exatamente como queríamos. Para onde julgavam os peregrinos que ele se arrastava, eu não sei. Até algum lugar onde podiam esperar algum ganho, isso eu aposto! Para mim, ele se arrastava rumo a Kurtz — exclusivamente; mas quando a tubulação de vapor começou a vaziar, o nosso avanço tornou-se muito lento. O curso do rio se abria diante de nós e depois se fechava à nossa passagem, como se a floresta cerrasse fileiras calmamente por sobre as águas para barrar nosso caminho de volta. Penetrávamos mais e mais fundo no coração das trevas. E o silêncio ali era imenso. À noite, vez por outra, o toque dos tambores ocultos pela cortina de árvores se estendia rio acima e permanecia debilmente suspenso, como que pairando no ar sobre as nossas cabeças, até o raiar do dia. Se significava guerra, paz ou oração, não tínhamos como saber. Pouco antes da aurora, baixava uma fria quietude; os lenhadores dormiam, suas fogueiras ardiam muito fracas; qualquer galho partido causava um sobressalto. Viajávamos pela Terra pré-histórica, uma Terra que tinha o aspecto de um planeta desconhecido. Era possível nos imaginarmos como os primeiros homens tomando posse de uma herança maldita, uma herança que precisavam domar ao preço de uma angústia profunda e de um labor infundável. Mas de tempos em tempos, quando fazíamos uma curva do rio, percebíamos um vislumbre de uma paliçada de junco, tetos de palha em ponta, uma irrupção de gritos, um redemoinho de membros negros, incontáveis mãos batendo palmas, pés golpeando o chão, corpos em movimento, os olhos girando nas órbitas, sob a cobertura de uma folhagem pesada e imóvel. O vapor avançava a custo, bem devagar, ao longo das

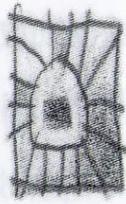
bordas de um frenesi negro e incompreensível. O homem pré-histórico nos amaldiçoava, rezava para nós, dava-nos as boas-vindas — quem saberia dizer? A compreensão do que nos cercava fugia do nosso alcance; avançávamos deslizando como fantasmas, admirados e intimamente assustados, a reação de qualquer homem sensato diante de uma irrupção exaltada entre os pacientes de um hospício. Não tínhamos como compreender porque havíamos ido longe demais, e não tínhamos como recordar porque atravessávamos a noite das primeiras eras, as eras que não nos deixaram sinal algum — e nenhuma memória.

“A Terra era irreconhecível. Estamos acostumados a contemplar a forma agrilhoada de um monstro vencido, mas ali — ali podíamos ver a monstruosidade à solta. Não era uma coisa deste mundo, e os homens... Não, não eram desumanos. Bem, vocês sabem, era isso o pior de tudo — essa desconfiança de que não fossem desumanos. Era uma idéia que nos ocorria aos poucos. Eles berravam, saltavam, rodopiavam e faziam caretas horríveis; mas o que mais impressionava era a simples idéia de que eram dotados de uma humanidade — como a nossa — a idéia do nosso parentesco remoto com toda aquela comoção selvagem e passional. Feia. Sim, era muito feia; mas você, se for homem bastante, reconhece intimamente no fundo de si um vestígio ainda que tênue de resposta à terrível franqueza daquele som, uma suspeita vaga de que haja ali um significado que você — você, tão distante da noite das primeiras eras — talvez seja capaz de compreender. E por que não? O espírito do homem tudo pode — porque tudo está contido nele, tanto a totalidade do passado como o futuro inteiro. O que havia ali, afinal? Alegria, medo, tristeza, devoção, coragem, raiva — quem saberá dizer? — mas a verdade — a verdade, despojada das vestes do tempo. Os idiotas que abram a boca e estremeçam — o homem sabe, e é capaz de erguer os olhos sem pestanejar. Mas precisa ser pelo menos tão homem quanto aqueles que víamos pelas margens. Precisa cotejar aquela verdade com o quanto de verdade existe nele — a sua própria força inata. Princípios? Os princípios não funcionam. As aquisições, as roupas, tudo belos

“No final, exorcizei o fantasma dos seus talentos com uma mentira”, começou ele de repente. “Moça! O quê? Falei de uma moça? Ah, mas ela está fora disso — completamente. Elas — as mulheres, quero dizer — estão fora disso — deviam ser mantidas fora disso. Precisamos ajudá-las a permanecer nesse lindo mundo onde vivem, ou o nosso ficará pior. Ah, ela precisava ser mantida fora disso. Vocês deviam ter ouvido o corpo insepulto do sr. Kurtz, dizendo: ‘A minha Prometida’. Teriam percebido na mesma hora a que ponto ela estava fora de tudo isso. E o majestoso osso frontal do sr. Kurtz! Dizem que o cabelo às vezes continua a crescer depois da morte, mas esse — ah — indivíduo era de uma calvície impressionante. A selva lhe afagou a cabeça, e eis que ela ficou igual a uma bola — uma bola de marfim; a selva o acariciou, e — vejam! — ele feneceu; ela o conquistou, ela o amou, ela o acolheu, penetrou nas suas veias, consumiu a sua carne e selou a sua alma no isolamento mediante as cerimônias inimagináveis de alguma iniciação diabólica. Ele era o favorito da selva, estragado por seus mimos. Marfim? Sem dúvida. Pilhas de marfim, montanhas de marfim. O velho depósito de terra batida estava abarrotado de marfim. Parecia que não sobrara uma única presa em todo o país, em cima ou debaixo da terra. ‘Na maioria é fóssil’, assinalara o Gerente em tom depreciativo. Não era mais fóssil do que eu, mas dizem que o marfim é fóssil quando o desencavam da terra. Parece que esses negros às vezes enterram as presas de elefante — mas é evidente que não tiveram como enterrar esses achados a uma profundidade suficiente para salvar o talentoso sr. Kurtz do seu destino. Carregamos o vapor com marfim, e ainda precisamos empilhar muitas presas no convés. Assim ele podia continuar a vê-las e deleitar-se com elas enquanto ainda enxergava, porque conservou esse gosto até o fim. E vocês precisavam tê-lo ouvido dizer: ‘O meu marfim’. Ah sim, eu ouvi. ‘A minha Prometida, o meu marfim, o meu posto, o meu rio, o meu...’, tudo pertencia a ele. Eu prendia a respiração, esperando ouvir a selva prorromper numa gargalhada prodigiosa, capaz de sacudir as estrelas fixas nas suas posições. Tudo pertencia a ele — mas isso era o de me-

nos. O que importava era saber ao que ele por sua vez pertencia, quantos poderes das trevas podiam reclamar a sua posse. Era essa a reflexão que causava arrepios. Era impossível — e tampouco fazia bem algum — tentar imaginar. Ele ocupara um alto assento entre os demônios daquela terra — e digo isso literalmente. Vocês não conseguem entender? E como poderiam — com um calçamento de pedra debaixo dos seus pés, cercados por vizinhos gentis prontos a acudi-los ou lhes pedir algum favor, caminhando a passos contados entre o açougue e a polícia, no terror sacrossanto do escândalo, do cadafalso e dos hospícios — como podem vocês imaginar a qual região particular das eras primevas os pés desimpedidos de um homem podem levá-lo quando ele se depara com a solidão — a solidão absoluta, sem polícia — quando se depara com o silêncio — o silêncio absoluto, sem a voz de um bom vizinho para ser ouvida a lembrar-lhe num murmúrio a opinião pública? Essas pequenas coisas fazem toda a grande diferença. Quando elas desaparecem, você só pode recorrer à sua força interior, à sua própria capacidade de ser fiel. Claro que pode ser tão idiota que nem terá como errar — obtuso demais para sequer perceber que está sofrendo o assalto dos poderes das trevas. Imagino que nenhum idiota jamais tenha negociado a alma com o diabo: o idiota é idiota demais, ou o diabo diabólico demais — não sei qual dos dois. Ou você pode ter um espírito tão magnificamente elevado que se mostrará totalmente surdo e cego a tudo que não sejam visões e sons celestiais. Nesse caso, a Terra, para você, é só um lugar de passagem — e não me atrevo a dizer se representa uma perda ou um ganho ser assim. Mas a maioria de nós não é nem de um modo nem do outro. A Terra, para nós, é um lugar onde vivemos, onde precisamos nos habituar às visões, aos sons, e aos cheiros também, por Júpiter! — aspirar o fedor de hipopótamo morto, por assim dizer, sem nos contaminar. E é aí, não vêem, que a força de vocês intervém, a fé na sua capacidade de cavar buracos discretos para neles enterrar as coisas — o seu poder de devoção não a si mesmos, mas a um trabalho obscuro e exaustivo. E isso não é pouco difícil. Vejam bem, não estou tentando

desculpar e nem mesmo explicar — só estou tentando prestar contas em nome — em nome — do sr. Kurtz — da sombra do sr. Kurtz. Esse espectro iniciado vindo do fundo de Lugar Nenhum me honrou com as suas espantosas confidências antes de desaparecer por completo. Isso porque comigo podia falar inglês. O Kurtz original foi parcialmente educado na Inglaterra, e — como ele próprio teve a gentileza de dizer — suas simpatias estavam no lugar certo. Sua mãe era meio inglesa, seu pai era meio francês. Toda a Europa contribuiu para a criação de Kurtz; e com o tempo fiquei sabendo que, muito adequadamente, a Sociedade Internacional para a Supressão dos Costumes Selvagens lhe confiara a preparação de um relatório para sua futura orientação. E ele escrevera o relatório. Eu vi. Eu li. Era eloquente, vibrante de eloquência, mas estridente demais, acho eu. Dezessete páginas em caligrafia cerrada. Tinha encontrado tempo para isso. Mas deve ter sido antes que — digamos — os seus nervos começassem a falhar, levando-o a presidir certas danças à meia-noite que terminavam em ritos inomináveis, os quais — até onde pude perceber com certa relutância, baseado no que ouvi em momentos diversos — eram consagrados a ele — vocês entendem? — ao próprio sr. Kurtz. Mas era um texto excelente. O parágrafo inicial, entretanto, à luz do que fiquei sabendo mais tarde, hoje me parece especialmente inauspicioso. Começa com o argumento de que nós, os brancos, em função do grau de desenvolvimento a que chegamos, ‘devemos necessariamente ser vistos por eles [os selvagens] como seres sobrenaturais — chegamos a eles com um poder que parece próprio de uma divindade’, e assim por diante. ‘Pelo simples exercício da nossa vontade, podemos exercer um poder praticamente ilimitado para o bem’ etc. etc. A partir desse ponto ele levanta vôo, e transportou-me com ele. A peroração era magnífica, embora difícil de lembrar, sabem como é. Transmitiu-me a idéia de uma Imensidão exótica governada por uma augusta Benevolência. Fiquei arrepiado de entusiasmo. Aquele era o poder ilimitado da eloquência — das palavras — de palavras nobres e ardentes. Não havia qualquer sugestão de ordem prática para interromper



POSFÁCIO

O SOPRO DOS ANCESTRAIS

*Ouçã mais as coisas
que os seres.
A voz do fogo se ouve,
ouçã a voz da água,
escute no vento
o arbusto soluçar.
É o sopro dos ancestrais...*

Essas palavras de um poema de Birago Diop dizem muito sobre a tradição oral que nos foi transmitida pela gente da África, as-

sim como pelos objetos esculpidos do cotidiano e por uma natureza quase sempre numa situação extrema, quase sempre marcada por excessos: aqui a seca implacável, ali tamanha abundância de árvores que o céu se encobre.

A África negra e suas sociedades orais chegam até nós atualmente também pela escrita. De fato, é a escrita que hoje pode tornar os ancestrais mais visíveis num mundo tradicional cada vez mais perecível.

Nesta coletânea, procurei revelar sabedorias ainda bastante ignoradas e contribuir para que o maior número possível de pessoas compartilhe as emoções da gente africana. Também quis mostrar que, além da sua dimensão recreativa e dos ensinamentos que propõem, os contos da África, por seu parentesco com os contos populares de outros lugares, exprimem a harmonia que os seres humanos trazemos todos em nosso imaginário.

Não há como não constatar: os passeios

literários que nos levam do sagrado ao profano, isto é, do mito ao conto, tomam no hemisfério sul e no hemisfério norte caminhos muito parecidos.

Ouvi muitas vezes, da ilha de Goré, plantada no Atlântico, até a Porta das Lágrimas (mais conhecida por seu nome em árabe: Bab el Mandeb), as palavras de várias Áfricas. Ora registrei a palavra do *griot*, apressadamente traduzida para mim; ora ouvi, na entrada da floresta sagrada, proibida para mim, os cantos dos iniciados. Também tive a sorte de todos os nômades, que é a de modelar sua vida na dos animais, que só deixam uma pastagem quando a terra se esgotou.

Neste livro, dou a ler o que meus olhos leram em algumas páginas inacabadas e o que meus ouvidos e meu coração escutaram à sombra de uma árvore, dentro de um casebre de barro, numa tenda ou num desses tukuls de fibra trançada do povo soma-

li, em que o homem e a mulher trocam palavras e gestos de seda.

O alfabeto e a viagem fizeram que o bardo bretão, que sou por herança, se tornasse *griot* por mestiçagem.

A escrita destes contos e lendas de algumas Áfricas se propõe ser uma passarela entre as pessoas. Repito: quando pela escrita adquirem uma nova vida, os contos não se contentam mais em transmitir apenas a tradição viva. Eles carregam então consigo profecias fortes o bastante para que os jovens, as jovens, os homens e as mulheres de hoje ousem continuar sonhando a sua vida.



YVES PINGUILLY

Nasceu em Brest, na Bretanha (França), em 5 de abril de 1944. Adolescente, descobriu os sete mares e quase todos os continentes. Já se deixou então mestiçar pelas cores do mundo.

Escreveu cerca de quarenta livros para jovens.

Grande conhecedor do continente africano, que frequenta há mais de 25 anos, é autor de vários romances e narrativas que têm como cenário o Togo, Burkina Fasso, Níger, Guiné. Já publicou também uma antologia de contos da África Ocidental.

Hoje, escreve enquanto faz uma escala em sua casa na Bretanha, lambida de um lado pelas florestas de Argoat e, de outro, pelo marulho distante das ondas do mar de Iroise.

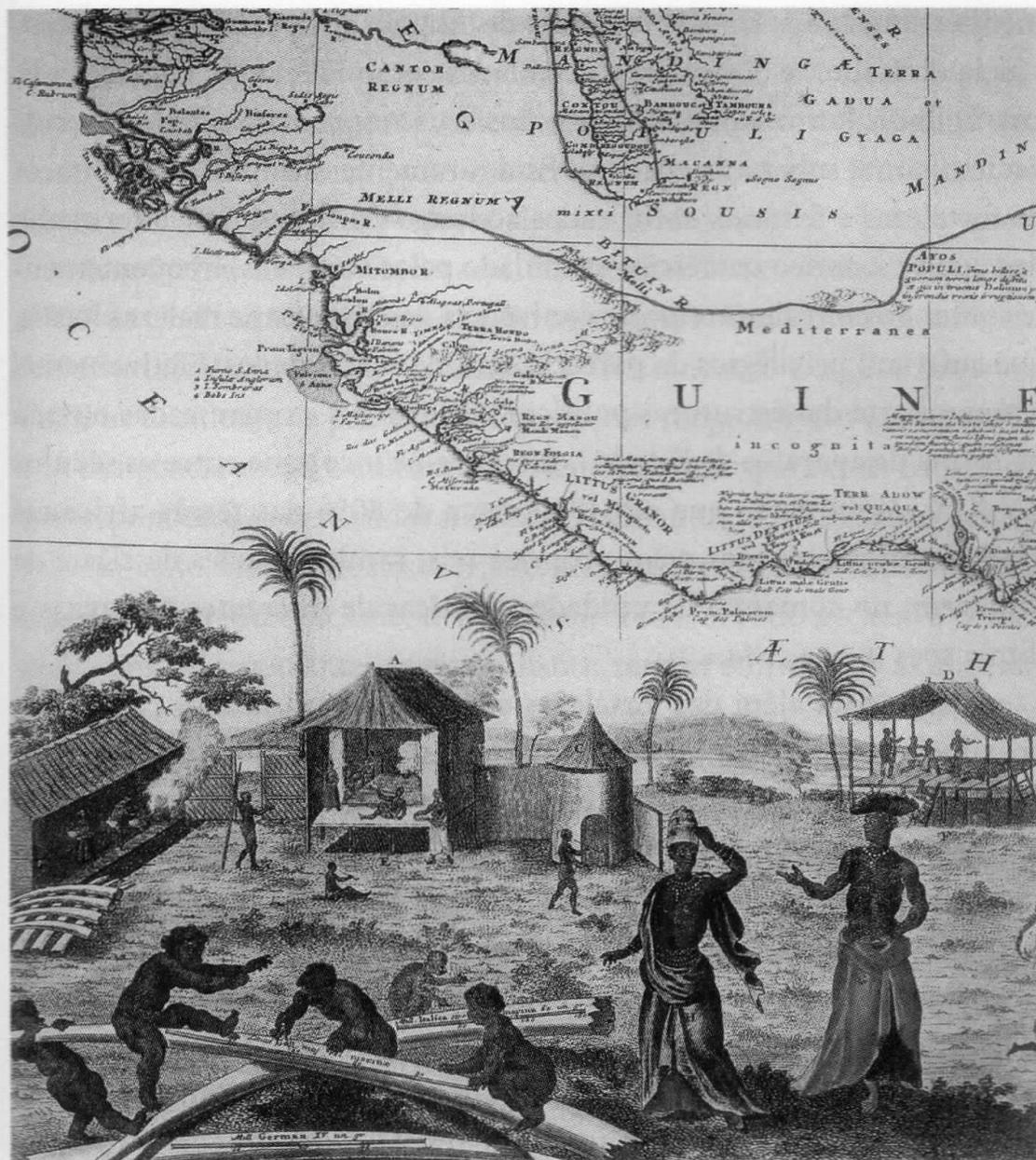
Qualquer que seja a estação, Yves Pinguilly gosta de passear na praia, de pisar

CONTOS E LENDAS DA ÁFRICA

nas algas. É aí que ele encontra sua Morgana preferida, que é uma fada vestida de musselina verde, de contas finas e de coral. Quando vai por uma trilha à sombra dos carvalhos ou das avelaneiras, é que tem um encontro com Viviane, que por causa dele saiu um pouco da floresta mágica de Broceliande, aquela do mago Merlin. A essas duas fadas, ele dá notícias das suas primas africanas distantes, Mami-Watta, que sempre nada no golfo da Guiné, e Mariama, filha de Gaa, rainha-mãe de todos os deuses e gênios da bacia do rio Níger.

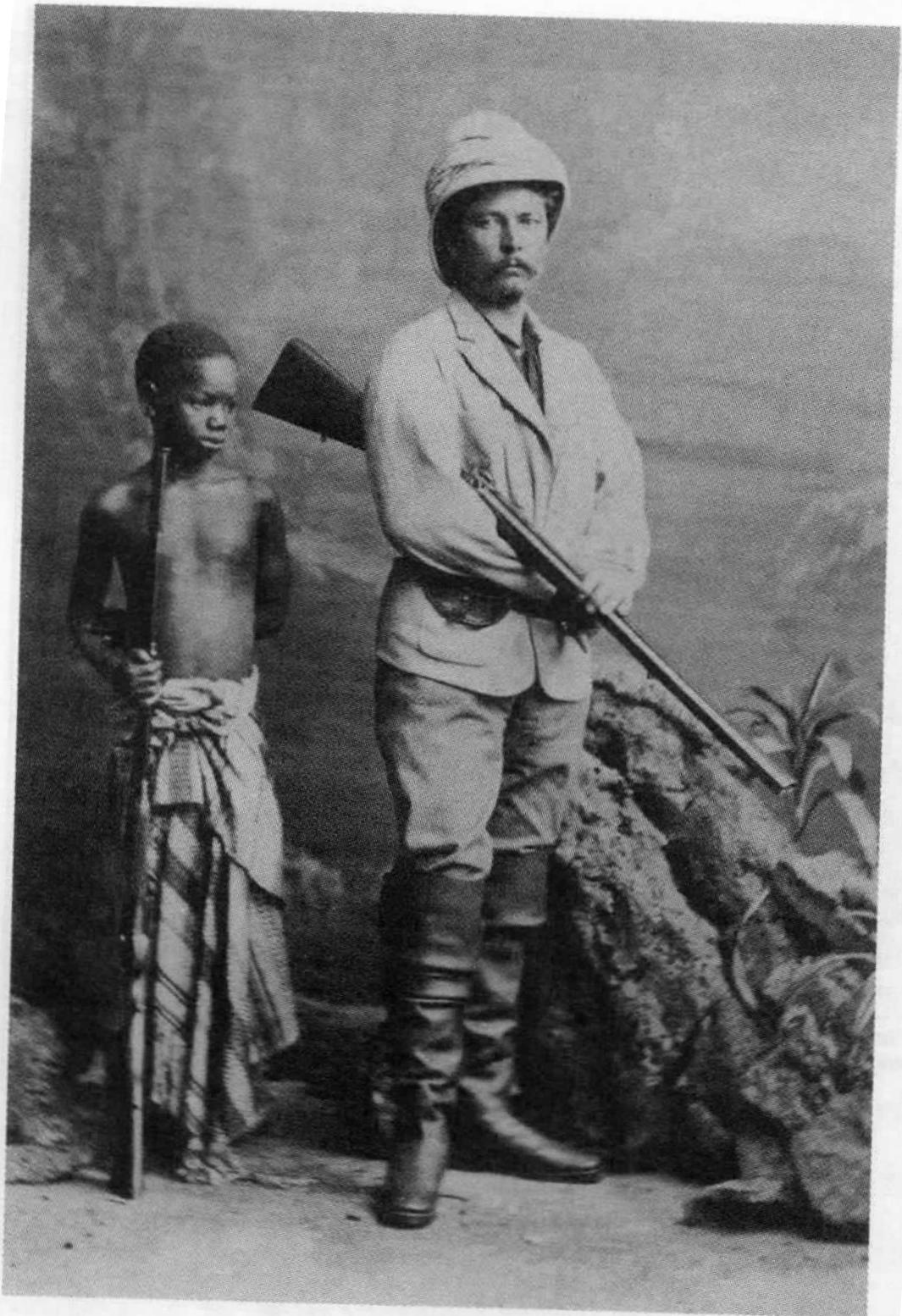
Quando alguém pergunta a Yves Pinguilly quais são as universidades em que aprendeu a ser um mestre da palavra, ele só evoca as fadas e acrescenta em segredo: “Sou apenas a resultante dos meus amores”.

IMAGEM DO MAPA DE COMÉRCIO DE MARFIM



Nesta imagem do século XVIII da África Ocidental retratando o comércio de marfim, chama a atenção o fato de o mapa representar o litoral, enquanto o interior apresenta não mais do que informações esparsas.

(Fonte: SERRANO, Carlos. **Memórias d'África**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007. p. 205)



Henry Stanley, em pose “típica” de explorador.

